

PROFESSOR OU MONITOR DE PLATAFORMA? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID SOBRE A AUTONOMIA DOCENTE

Erik Hideki Tamura de Almeida¹
Paulo Henrique Correia Araújo da Cruz²
Ayumi Kato de Campos³

RESUMO

Este artigo analisa a transição de um modelo de ensino autônomo para um sistema de controle e padronização na rede pública de ensino do Estado de São Paulo. Para isso, contrapõe a vivência do autor em duas edições consecutivas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Licenciatura em Matemática do Instituto Federal, de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Itapetininga. Considera-se a vivência do discente bolsista em dois momentos. No primeiro, biênio 2022-2023, marcado pela autonomia docente e possibilidade de criação de projetos autorais. E, no segundo, biênio 2024-2025, marcado pela implementação compulsória de plataformas digitais e pela obrigatoriedade do uso de slides curriculares padronizados. Diante disso, tem-se por objetivo expor a análise de como essa transformação, impulsionada por um ecossistema de avaliações em larga escala, impacta a formação e a prática docente, resultando na intensificação do trabalho e no desestímulo à criatividade pedagógica. Como principal resultado, argumenta-se que o professor é deslocado de sua posição de autor para a de aplicador de conteúdos e/ou monitor de métricas de engajamento, em um modelo que aprofunda a “educação bancária” denunciada por Paulo Freire, agora, otimizada pelo uso de tecnologias digitais. Por fim, o trabalho contribui com uma reflexão urgente sobre os desafios da formação de professores, frente a precarização do exercício da docência, pontuando o papel da iniciação à docência como espaço de resistência e de defesa de uma educação pública, crítica e humanística.

Palavras-chave: Relato de Experiência, PIBID, Plataformização da Educação, Formação de Professores, Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

O avanço da plataformação na educação básica brasileira tem provocado profundas transformações no trabalho docente, levantando debates sobre autonomia, controle e precarização. Este artigo, fundamentado em um referencial teórico crítico sobre o tema

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - SP, hideki.tamura@outlook.com

² Professor orientador: Doutor, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Itapetininga - SP, paulocruz@ifsp.edu.br

³ Professor orientador: Mestra, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Itapetininga - SP, ayumi@ifsp.edu.br



(JUNIOR, 2024; MENDES; OLIVEIRA, 2023; VIEGAS, 2024), apresenta uma pesquisa qualitativa que analisa a vivência de um licenciando em duas edições consecutivas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na rede pública de São Paulo.

O objetivo central é discutir a transição de um modelo pedagógico que estimulava a autonomia e a criação para um sistema focado em padronização e controle digital. A metodologia adotada é a de um relato de experiência crítico-reflexivo, que contrapõe a prática docente do biênio 2022-2023 com o cenário encontrado a partir de 2024.

A discussão dos resultados evidencia que, enquanto a primeira experiência permitia a atuação do bolsista como professor-autor, a segunda o deslocou para a função de professor-aplicador ou monitor de plataforma. Um ecossistema de avaliações em larga escala e uso compulsório de plataformas que estão consolidando uma versão tecnológica da educação bancária denunciada por Paulo Freire (2023), impactando negativamente a formação e a prática docente.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, estruturada na modalidade de relato de experiência de cunho crítico-reflexivo. O corpus de análise é duplo e complementar. O primeiro, de caráter empírico, consiste nos registros e memórias do autor durante sua atuação no PIBID nos períodos de 2022-2023 e 2024-2025. O segundo, de caráter teórico, é composto por produções acadêmicas selecionadas a partir de uma busca sistemática na plataforma OasisBR, utilizando descritores como "plataformização digital" e "tecnologias digitais".

A análise foi realizada de forma dialética e contrastiva, utilizando o referencial teórico como lente para interpretar as experiências vividas e documentadas. Informa-se, ainda, que para o uso de imagens do ambiente escolar, foi obtida a devida autorização da gestão da escola, com o cuidado de preservar a identidade dos estudantes por meio do desfoque de suas faces.

REFERENCIAL TEÓRICO

A análise proposta neste artigo se fundamenta em um diálogo entre a pedagogia crítica de Paulo Freire e estudos contemporâneos sobre a plataformização do trabalho docente. A crítica à "educação bancária", formulada por Freire, serve como alicerce para compreender o modelo educacional que se opõe à autonomia. Neste modelo, a educação se torna o ato de "depositar" conteúdos em educandos passivos, onde o professor é o narrador e os alunos, meros receptores. Freire (2023) denuncia essa prática por seu caráter domesticador, que minimiza o poder criador dos estudantes e visa sua adaptação ao mundo, e não sua transformação. Em suas palavras:

Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância.

Em oposição, Freire (2023) propõe a "educação problematizadora", na qual educador e educando se tornam sujeitos conjuntos do processo de aprendizagem, mediatizados pelo mundo que buscam compreender e transformar.

Este arcabouço freiriano é mobilizado para analisar o fenômeno da plataformização da educação. Este processo, impulsionado por "reformadores empresariais" (JUNIOR, 2024), submete a pedagogia à lógica de plataformas digitais.

Segundo Viegas (2024), a plataformização opera através da "dataficação", a tendência de transformar todos os aspectos da interação escolar em dados, e de uma "racionalidade algorítmica" que gerencia processos de tomada de decisão, muitas vezes de forma opaca aos professores. Essa estrutura de controle é reforçada por um modelo gerencialista e punitivo, no qual o cumprimento de metas digitais se sobrepõe à prática pedagógica, como apontam Mendes e Oliveira (2023) em sua análise sobre o estado do Paraná. A consequência é a instalação do que Wilke e Feijó (2023) nomeiam como a "Escola do Cansaço", um ambiente de exaustão gerado pela pressão constante por desempenho e produtividade, onde professores e alunos se tornam "empresários de si mesmos", em uma busca incessante por resultados mensuráveis.

Nesse contexto, a tecnologia digital é frequentemente reduzida a uma mera ferramenta de aplicação e controle. Rosa e Souto (2023), no entanto, argumentam que a tecnologia pode assumir papéis mais complexos e emancipadores, como parte de um coletivo



"seres-humanos-com-mídias" que reorganiza o pensamento e produz conhecimento. A pesquisa de Ribeiro (2025) sobre o uso obrigatório da plataforma *Matific* em São Paulo serve como um estudo de caso que contrasta com essa visão otimista, revelando que, quando imposta, a tecnologia pode gerar desinteresse e ser percebida pelos alunos primariamente como uma obrigação para a obtenção de nota.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa emergem do contraste direto entre as duas vivências no PIBID. No biênio 2022-2023, na E.E. Adherbal de Paula Ferreira, a prática foi marcada pela autonomia e pela atuação como professor-autor. A liberdade concedida permitia a criação de intervenções a partir das necessidades reais dos alunos. Um exemplo foi a aula de nivelamento sobre potenciação, proposta após observar a defasagem dos estudantes que confundiam 3^2 com 3×2 . A aula, planejada e ministrada pelos bolsistas, utilizou o software *Plickers*, que, conforme registrado em relatório, foi extremamente dinâmica e atraente, gerando um *feedback* positivo tanto da professora Aline quanto dos alunos, que pediram para nós, e para a professora, que esse tipo de atividade ocorresse mais vezes. Durante essa intervenção, foi utilizada a metáfora da árvore do conhecimento, explicando aos alunos que não adianta correr direto para o topo se nossa raiz não é forte o bastante para nos deixar de pé, reforçando a importância dos saberes básicos.

Outro projeto de destaque foi o Campeonato de Matemática, um *quiz* semanal que mobilizava todas as turmas do 6º ao 9º ano. Mais do que uma atividade lúdica, o campeonato funcionava como uma ferramenta de avaliação formativa, cujos dados eram analisados e repassados aos professores titulares como subsídio para seu planejamento. Nesse contexto, a tecnologia era uma aliada da autonomia, aproximando-se do que Rosa e Souto (2023) descrevem como um coletivo que produz conhecimento.

Em contrapartida, a experiência de 2024-2025, na E.E. Maria de Lourdes Carvalho Barreiros, revela a consolidação de um cenário de padronização, onde o papel do bolsista se desloca para o de professor-aplicador. A prática passou a ser regida por materiais didáticos centralizados, com *slides* governamentais impressos, em formato de apostila. Fato que

suscitou a reflexão se a medida representava uma inovação pedagógica ou uma estratégia de otimização de recursos do governo.

A pressão institucional, reflexo de um modelo de gestão gerencialista, resultou na percepção de menos liberdade para aplicar as metodologias do PIBID. A dissonância entre o conteúdo da plataforma *Matific* e a necessidade da turma, observada em sala, é corroborada pelos achados de Ribeiro (2025), que aponta que 60% dos alunos não gostam da plataforma e que 71% atribuem a ela qualidades negativas como ruim, complicada e cansativa. Este cenário de pressão por desempenho caracteriza o que Wilke e Feijó (2023) nomeiam como a Escola do Cansaço. A aplicação de avaliações externas e padronizadas, como a Prova Paulista, ilustra de forma contundente essa dinâmica, transformando o professor em um fiscal de um processo que não controla.

A estrutura, em sua totalidade, materializa uma versão digital da "educação bancária" denunciada por Freire (2023). A análise dos depoimentos de professores, feita por Mendes e Oliveira (2023), ecoa o sentimento observado em campo, como na fala de um docente que, diante da pressão por metas, afirma: "O foco é sempre as metas, os dados do BI. Eu não tenho conseguido dar aulas. [...] Me sinto em um espaço absurdo...". Essa angústia demonstra como a transformação do professor em aplicador de conteúdos e monitor de métricas esvazia o sentido do ato de ensinar. A aplicação de avaliações externas e padronizadas, como a Prova Paulista, ilustra de forma contundente essa dinâmica, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1 - Alunos realizando a Prova Paulista na sala de informática



Fonte: O autor (2025)



Nesses momentos, o professor se torna um fiscal de um processo que não controla, reforçando um modelo de ensino focado na mensuração de resultados e não no processo de aprendizagem, distanciando-se de uma prática docente autônoma e reflexiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa das duas experiências no PIBID permite concluir que o avanço da plataformização na rede pública paulista, em vez de representar uma inovação pedagógica, está aprofundando um modelo de ensino que precariza o trabalho docente e se afasta de uma prática educacional crítica e autônoma. A transição do papel de professor-autor, que diagnostica, cria e intervém, para o de monitor de plataforma, que aplica, gerencia e reporta dados, evidencia a perda de espaço para o saber da experiência, fundamental à prática docente.

Os resultados indicam que a tecnologia, quando implementada de forma compulsória e atrelada a um sistema de controle gerencialista, torna-se uma ferramenta eficiente para a consolidação de uma educação bancária digital. Essa abordagem não apenas desestimula a criatividade pedagógica, como também gera baixa motivação nos estudantes, que passam a interagir com as ferramentas por obrigação, e não por interesse genuíno na aprendizagem, como demonstrou a pesquisa de Ribeiro (2025). A vivência aqui relatada serve como um estudo de caso que ilustra, no microcosmo da sala de aula, as consequências de políticas educacionais que priorizam métricas em detrimento da pedagogia.

Como prospecção, sugere-se a realização de novas pesquisas que investiguem, de forma longitudinal, o impacto deste modelo na aprendizagem efetiva dos alunos em matemática. Seria igualmente relevante documentar e analisar as diversas formas de resistência e re-apropriação das tecnologias pelos professores, no chão da escola, que, como a atividade com jogos no intervalo, buscam criar fissuras no sistema e garantir espaços, ainda que mínimos, para uma prática docente mais humana e dialógica.





REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Ana Luiza. Do Paraná a São Paulo: como Feder atua para ampliar seu modelo de gestão empresarial da Educação. Carta Capital, 1 dez. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/do-parana-a-sao-paulo-como-feder-atua-para-ampliar-seu-modelo-de-gestao-empresarial-da-educacao/>. Acesso em: 10 out. 2025.

CORRÊA, Roberta. Governo de SP avalia utilizar inteligência artificial para aprimorar conteúdo digital nas escolas estaduais. G1, 17 abr. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/04/17/governo-de-sp-avalia-utilizar-inteligencia-artificial-para-aprimorar-conteudo-digital-nas-escolas-estaduais.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 85. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

G1. Entenda o projeto do governo de SP que adotará material 100% digital nas escolas após abrir mão de usar livros didáticos do MEC. G1, 2 ago. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/08/02/entenda-o-projeto-do-governo-de-sp-que-adotara-material-100percent-digital-nas-escolas-apos-abrir-mao-de-usar-livros-didaticos-do-mec.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2025.

MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli; OLIVEIRA, Márcia Maria Fernandes de. O uso compulsório de plataformas digitais de aprendizagem em sala de aula na educação básica pública do estado do Paraná- Brasil. Interacções, n. 64, p. 1-25, 2023.

PEREIRA, Felipe. Plataformas digitais custam caro e não melhoram o aprendizado dos/as estudantes, conclui pesquisa. APP Sindicato, 26 jul. 2025. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/plataformas-digitais-custam-caro-e-nao-melhoram-o-aprendizado-dos-as-estudantes-conclui-pesquisa/>. Acesso em: 10 out. 2025.

PEREIRA, Paulo. Seduc-SP gastou quase R\$ 500 milhões em plataformas digitais sem comprovar melhora na aprendizagem. Colabora Concursos, 26 jul. 2025. Disponível em: <https://colaboraconcursos.com.br/seduc-sp-gastou-quase-r-500-milhoes-em-plataformas-digitais-sem-comprovar-melhora-na-aprendizagem/>. Acesso em: 10 out. 2025.

PINHO, Ângela. A plataformação do ensino público paulista é um desastre. Carta Capital, 15 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-plataforma-ao-ensino-publico-paulista-e-um-desastre/>. Acesso em: 10 out. 2025.

RIBEIRO, João Pedro Mardegan. Algumas concepções de alunos do ensino fundamental sobre o uso da plataforma Matific no ensino de matemática. Boletim Cearense de Educação e História da Matemática, v. 12, n. 34, p. 1-18, 2025.

ROSA, Maurício; SOUTO, Daise Lago Pereira. Educação Matemática e Tecnologias Digitais: como se apresentam as mídias, os artefatos, os instrumentos, as ferramentas e os meios tecnológicos?. Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, Brasília, v. 13, n. 3, p. 1-13, set. 2023.



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

SALDAÑA, Paulo. Uso de plataformas não melhorou resultados educacionais de SP, aponta estudo. Folha de S.Paulo, 25 jul. 2025. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2025/07/uso-de-plataformas-nao-melhorou-resultados-educacionais-de-sp-aponta-estudo.shtml>. Acesso em: 10 out. 2025.

SILVA, Elisangela da; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. Sistemas de ensino apostilados: implicações no trabalho docente. Olhar de Professor, v. 20, n. 1, 2017.

SILVA, Patrícia Fernanda da. O uso das tecnologias digitais com crianças de 7 meses a 7 anos: como as crianças estão se apropriando das tecnologias digitais na primeira infância?. 2017. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SOUZA JÚNIOR, João Eudes Alexandre de. "Chorei sem saber o que ensinar": reformismo, plataformação e precarização do trabalho docente na educação básica. Germinal: marxismo e educação em debate, Salvador, v.16, n.3, p.167-189, dez, 2024.

TIVERON, Eduardo Mendonça; KASPARY, Bruna; LACERDA, Ana Carolina de. Uso excessivo de telas na infância e seus prejuízos. Research, Society and Development, v. 13, n. 11, e05131147225, 2024.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Cortez, 2005.

UOL. Gestão Tarcísio ensina que capital tem praia e Pedro 2º assinou Lei Áurea. UOL Educação, 31 ago. 2023. Disponível em:
<https://educacao.uol.com.br/noticias/2023/08/31/gestao-tarcisio-ensina-que-capital-tem-praia-e-pedro-2-assinou-lei-aurea.htm>. Acesso em: 10 out. 2025.

UOL. SP afasta servidores responsáveis por material digital com erros grosseiros. UOL Educação, 31 ago. 2023. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2023/08/31/sp-afasta-servidores-responsaveis-digital-slides.htm>. Acesso em: 10 out. 2025.

VIEGAS, Moacir Fernando. Plataformação do trabalho docente na educação básica: uma revisão de literatura sob o prisma do gênero e do cuidado. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 16, n.1, p. 961-980, abr. 2024.

WILKE, Valéria Cristina Lopes; FEIJÓ, Marcelo Santos. Aspectos da plataformação educacional na educação básica brasileira: a "Escola do Cansaço" na era do Big Data. LOGEION: Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, v. 10, p. 418-437, nov. 2023.

ZILBERKAN, Léo. Livro ou slide? Entenda a polêmica envolvendo o material didático de SP. Metrópoles, 9 ago. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/livro-ou-slide-entenda-a-polemica-envolvendo-o-material-didatico-de-sp>. Acesso em: 10 out. 2025.

ZILBERKAN, Léo. Governo Tarcísio nega livros didáticos do MEC e pretende usar conteúdo digital. Metrópoles, 2 ago. 2023. Disponível em:



<https://www.metropoles.com/sao-paulo/governo-tarcisio-nega-livros-didaticos-do-mec-e-pretende-usar-conteudo-digital>. Acesso em: 10 out. 2025.

ZILBERKAN, Léo. Pesquisadores criticam método e conteúdo de slides do governo de SP. Metrópoles, 11 ago. 2023. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/sao-paulo/pesquisadores-criticam-metodo-e-conteudo-de-slides-do-governo-de-sp>. Acesso em: 10 out. 2025.